



CEL BENTO –PREFACIO DO LIVRO A ORDEM UNIDA NA EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negras .Presidente e Fundador da (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. O autor e Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia. declarado em 15 de fevereiro de 1955 Turma Aspirante Mega. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980.Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas instalações. Natural de Canguçu –RS onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu.Estudou no Colegio N.S Aparecida 1938-1944, durante periodo que coincidiu com a 2ª Guerra Mundial.

Esta trabalho foi digitalizado para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e o livro original no acervo da FAHIMTB , doado a AMAN em Boletim Interno e a ser integrado no Programa Pérgamo de bibliotecas do Exército



A ORDEM UNIDA NA EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR

Prefácio do Coronel Cláudio
Moreira Bento, presidente da
Academia de História Militar
Terrestre do Brasil

Hélio Tenorio dos Santos

Prefácio

O jovem e muito inspirado historiador militar terrestre brasileiro, 1º Tenente PM **Hélio Tenorio dos Santos**, da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), apresenta a seguir, o primeiro ensaio no Brasil focalizando a História da Ordem Unida, no contexto da História Militar Terrestre Universal, sob o título "**A Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar (Da Antiguidade à Atualidade)**".

É do conhecimento hoje de todo chefe militar, que a Ordem Unida educa o soldado, com vistas ao fortalecimento das três vigas mestras de uma instituição militar - **a Disciplina, a Hierarquia e a Tradição**. Isto por desenvolver o espírito de coesão, os reflexos de obediência, o respeito hierárquico e o espírito de corpo. Este, fruto da valorização e culto da Tradição. Esta no caso, filha da **História** e enraizada no grande capital patrimonial histórico e moral da Polícia Militar de São Paulo, o que se confirma no majestoso **Corredor Histórico (da PMESP)** exposto na Associação dos Oficiais da Reserva da Polícia Militar de São Paulo, por iniciativa do emérito historiador da PMESP e presidente daquela Casa, Coronel PM Edilberto de Oliveira Mello e baseado em sua obra **Marcos Históricos da PMESP**.

Casa acolhedora, na qual, em 10 de março de 2.000, presidimos memorável sessão de três horas de duração de posse na Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), como acadêmico, do citado Coronel Edilberto e como correspondentes na PMESP dos Capitães Francisco Possebom e Luiz Eduardo Pesce de Arruda, tendo como Presidente de Honra da sessão o Comandante Geral da PMESP Coronel PM Rui Cesar Melo, também historiador militar do Regimento de Cavalaria "**9 de Julho**" da PMESP, ao comandá-lo. Sessão que contou com a presença maciça, em uniforme de gala, de cadetes (moços e moças) da PMESP.

Reunião que foi encerrada por brilhante oração de Miguel Costa Filho, nonagenário, filho do herói da PMESP General Miguel Costa, e antigo mestre de História dos cadetes do Barro Branco. Cadetes que ao final aplaudiram de pé Miguel Costa Filho por sua mensagem vibrante. Reunião onde conhecemos outros

historiadores da PMESP, os Coronéis PM Alair Silva Brandão, Plínio Angonezi e João Batista dos Santos; Tenente Coronel PM Álvaro Guimarães dos Santos, Tenente PM Osvaldo Evangelista do Nascimento e o autor, todos pretendendo dinamizar a Delegacia Coronel PM Pedro Dias de Campos da AHIMTB, então criada em caráter experimental temporário, no âmbito da PMESP, sob o abrigo da Associação presidida pelo Coronel Edilberto nomeado então delegado da AHIMTB. Que prospere a ideia !

E foi assim que o Tenente Hélio, rebuscando a Antiguidade grega e depois a romana, demonstrou em seu ensaio cuidadoso e apoiado em fontes numerosas e fidedignas, como a Ordem Unida em combate foi essencial para movimentar, como um todo e internamente, as falanges gregas e depois as legiões romanas, duas máquinas de guerra das mais perfeitas, e até hoje estudadas, em seus detalhes táticos, de equipamento e de organização como marcos da Arte Militar Ocidental, como iniciação aos cursos de História Militar Terrestre nas escolas militares do mundo. Organizações até hoje presentes e inspirando em suas variações, dispositivos táticos modernos. E, mais do que isto, fontes de inspiração para a adoção de dispositivos táticos e equipamentos policiais militares de choque, para o combate e controle de tumultos e situações de proteção de concentrações populares no campo e nas cidades, etc.

Enfim, foi esta a motivação focal do autor que o levou a estudar a evolução dos dispositivos de combate em que a ordem unida foi elemento essencial para as vitórias, até por volta de 1870, em decorrência do advento da Revolução Industrial, com a descoberta da máquina a vapor. Com a máquina a vapor, as indústrias passaram a produzir em série armas e munições em grandes quantidades, que obrigaram o combatente a se dispersar e a cavar trincheiras e abrigos para proteger-se da enorme densidade de fogos na superfície do campo de batalha, e que o navio e o trem, acionados pela máquina a vapor, expandiram sobremodo, provocando o surgimento da Guerra Total, da qual a nossa Guerra do Paraguai, 1865-70, foi a primeira entre nações e a Guerra Civil de Secessão nos Estados Unidos, antes e na mesma década, foi a primeira no mundo.

No contexto da evolução da Arte e da Ciência Militar Mundial, o Tenente Hélio se deteve na apreciação dos reflexos na Doutrina Militar de certas inovações como o uso do estribo na Cavalaria, da pólvora, do arcabuz, da Artilharia de Campanha, do cartucho de pólvora, do carregamento pela culatra, da automação das armas de canos raiados, da metralhadora, etc. E nesta evolução cabendo especial destaque à arma individual do combatente - **o fuzil**, a síntese, numa só arma, do **arcabuz** e do **pique**. Este uma enorme lança de inicialmente seis metros, que com o aumento da velocidade de tiro transformou-se na baioneta. E por fim no longo fuzil, tendo na ponta uma longa baioneta para o combate corpo a corpo à guisa de lança. Arma que, em função do carregamento pela culatra e aumento da capacidade e cadência de tiro, ficou reduzida hoje a um pequeno, curto e leve fuzil automático, com grande capacidade de tiro e com uma curta baioneta na ponta, para um remoto combate corpo a corpo.

Na evolução da Arte Militar assinalou o autor que depois da queda do Império Romano ela se degradou na Idade Média. E com ela a Ordem Unida em combate, para despertar mais tarde e inspirada na Arte Militar grega e romana, com o genial Rei Gustavo Adolfo da Suécia, passando por outros grandes capitães, como Frederico II e Napoleão, que empregaram com excelentes resultados táticos e estratégicos a Ordem Unida em combate, para manobrar suas peças de manobra.

E mencionou o holandês Príncipe de Nassau que, inspirado em Gustavo Adolfo, organizou os seus exércitos com apoio na Ordem Unida em combate e superou na Europa a doutrina espanhola baseada nos quadrados de Infantaria dos Terços.

Doutrina de Gustavo Adolfo com inovações do Príncipe de Nassau que, posta em confronto com a Guerra de Emboscadas dos luso - brasileiros no Nordeste, durante a dominação holandesa 1624-54, terminou por ser vencida nas duas batalhas dos Guararapes em 1648 e 1649. Batalhas vitoriosas, nas quais despertou o espírito de força armada e de nacionalidade brasileiras, no consenso de analistas do processo histórico brasileiro. Confrontos que estudamos a fundo, pioneiramente na obra "**As batalhas dos Guararapes - análise e descrição militar**" (Recife:UFPE,1971,1v) ora na Internet no site da AHIMTB e

estudada a 1ª batalha em nosso Manual **"Como estudar e pesquisar a Historiada Exército Brasileiro"** (Brasília: EME/EGGCF,1978) e ora reeditada pelo Estado - Maior do Exército.

Guerra de Emboscadas, em realidade guerra de guerrilhas, a estratégia do fraco contra o forte, e conhecida na Europa entre os generais como **Guerra Brasílica**, cuja diferença com a doutrina holandesa no Nordeste foi assim estabelecida pelo Major Antônio Dias Cardoso, depois da 1ª batalha dos Guararapes, numa troca de prisioneiros junto às muralhas do Recife, ao responder a um oficial holandês que lhe disse despeitado: "**Da próxima vez nós venceremos, pois lutaremos dispersos como vocês lutaram !**" E Dias Cardoso, o mestre das Emboscadas e da Guerra Brasílica , assim respondeu-lhe: "**Melhor será ainda para nós! Pois cada soldado nosso em combate será um capitão. E cada soldado de vocês para combater disperso necessitará ao seu lado um oficial para obrigá-lo a combater.**"

A ordem unida como hoje se pratica, a utilizamos muito como comandante de Companhia de Engenharia do 1º Batalhão Ferroviário, destacada -em construção de ferrovia no Rio Grande do Sul. Isto para fortalecer os laços de disciplina, hierarquia e espírito de corpo que com o trabalho tendiam a enfraquecer. E a usava também para enquadrar sargentos, o subtenentes e os oficiais por encarregá-los de ministrarem ordem unida, o que os obrigava a se auto- enquadrarem. O resultado era excelente !

Um grande expert em Ordem Unida no Exército foi o mais tarde Marechal Odylio Denys, um estudioso brasileiro de Napoleão. Ele ministrava Ordem Unida, inicialmente com a tropa em coluna por um, girando em torno de um eixo. E dela retirava os recrutas com mais dificuldade, para um treinamento mais intensivo à parte. E avançava na instrução com os que apresentavam melhor resultado, sem os nivelar por baixo, com os mais deficientes, ao custo de sacrifícios desnecessários aos mais destacados. Isto que equivaleria a castigo e não a prêmio por bom desempenho. E estes eram usados como monitores dos que apresentavam dificuldades.

Mostrar a permanência da Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar e a sua atualidade para formulação e execução de táticas policiais militares de choque com apoio nas falanges gregas e

legiões romanas e de outras formações dela derivadas, ao longo da História Militar Universal, foi o propósito desta contribuição original do Tenente Hélio, historiador militar da Polícia Militar de São Paulo, instituição tão pioneira no Brasil em iniciativas doutrinárias e desejo de evolução doutrinária, ao ponto de haver, em 1906, contratado uma Missão Militar Francesa para instruí-la, cerca de 10 anos antes que o Exército contratasse a sua para instruí-lo e à sua Aviação. E mais, contribuiu com cerca de quase uma centena de seus guardas para integrarem a Polícia do Exército na Força Expedicionária Brasileira em defesa da Democracia e da Liberdade Mundiais ameaçadas pelo nazifacismo.

Assim, espera-se que, da notável e original contribuição do Tenente Hélio, se inspirem os chefes, pensadores e planejadores da Polícia Militar de São Paulo, no sentido de enriquecer a sua Doutrina Policial Militar, à altura dos seus compromissos no 3º Milênio com a proteção e a defesa da Sociedade Paulista. Que assim seja !

Para nós, estudioso de História Militar e também historiador da PMESP com a plaqueta "**Polícia Militar de São Paulo - Lealdade e Constância**" (São Paulo: Museu PMESP, 1981) que então dedicamos: "**À memória dos heróis da Polícia Militar de São Paulo que tombaram, desde 1831, na defesa da Pátria, da Ordem, da Lei e da Sociedade Paulista, na luta contra o crime**", Foi uma honra prefaciar o presente valioso e original ensaio - **A Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar**, do historiador militar 1º Tenente PMESP Hélio Tenório dos Santos, que seguramente, com o devido estímulo, ainda muito produzirá sobre a História da Polícia Militar de São Paulo, para contribuir para o fortalecimento de sua grande viga mestra, ao lado das da **Disciplina e da Hierarquia - a sua invejável Tradição**.

Cláudio Moreira Bento

Cel Eng QEMA Ref

Acadêmico Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Resende, A Cidade dos Cadetes, 12 de março de 2.000

